

**O SR. PRESIDENTE** (Luís Eduardo) – Finda a leitura do expediente, passa-se à

#### IV – HOMENAGEM

**O SR. PRESIDENTE** (Luís Eduardo) – Esta sessão está destinada a comemorar o cinquentenário do fim da Segunda Guerra Mundial no teatro europeu de operações, a participação do Brasil através de suas Forças Armadas no esforço para a destruição do nazi-fascismo e os feitos da Força Expedicionária Brasileira na Itália, de cuja atuação, em defesa da liberdade, da democracia e dos valores éticos da fraternidade, resultaram a redemocratização do Brasil e o fim do Estado Novo.

O autor é o Deputado Paes Landim, a quem concedo a palavra, neste instante.

Gostaria de convidar para fazer parte da Mesa o Sr. General Darcy Lazaro, Presidente da Associação dos Ex-Combatentes.

**O SR. PAES LANDIM** (Bloco/PFL – PI) – Sr. Presidente, Sr<sup>s</sup> e Srs. Deputados, autoridades presentes. Ao requerer esta homenagem a propósito dos 50 anos do término da Segunda Guerra Mundial, tive o objetivo de caracterizar nosso compromisso com a História e, ao mesmo tempo, para que este episódio sirva de lição e de reflexão para as futuras decisões nacionais e dos que têm compromissos com os ideais do Estado de Direito, com a Democracia e com a Liberdade. Juntamo-nos desta forma ao tributo que em todo o mundo se prestou aos heróis desse conflito, inclusive às comemorações realizadas em Paris por iniciativa do então Presidente François Mitterrand, em que V. Ex<sup>a</sup>, Sr. Presidente, representou o Governo brasileiro.

As lições da História são fundamentais para a vida de todas as Nações. Não foi sem sentido que um dos maiores líderes deste século, ao mesmo tempo protagonista e o maior historiador do conflito, Winston Churchill, chama a atenção, em sua monumental "Análises da Segunda Guerra Mundial", para os erros cometidos pelos que não foram capazes de aprender as lições da guerra mundial que a precedeu. Em seu livro, ele se refere à exaltação e à arrogância dos vencedores de 1918 que, não sabendo lidar com os desafios sociais e econômicos que varreram a Europa, foram responsáveis pelo surgimento de dois terríveis flagelos, o nazismo na Alemanha e o fascismo na Itália. O fracasso da Sociedade das Nações, idealizada pelo grande Presidente Woodrow Wilson, foi um erro fatal do isolacionismo americano, na medida em que impediu o surgimento de mecanismos políticos eficientes que servissem de contenção aos intuítos expansionistas e à própria ascensão de Hitler na Alemanha.

Exatamente por isso, Sr. Presidente, começo transcrevendo um trecho significativo do livro de memórias de Sir Wiston Churchill, em que o grande estadista invoca os antecedentes, as razões e as causas que terminaram nos empurrando para o conflito, ao lado dos aliados contra o Eixo, como a única Nação latino-americana a fazê-lo. Escreveu o autor no capítulo intitulado "Paraíso dos Submarinos", o seguinte:

"O ano de 1942 iria trazer muitos choques públicos. Durante os primeiros seis meses tudo correu mal. No Atlântico, esse período revelou-se o mais árduo de toda a guerra. A frota alemã de submarinos havia aumentado para um total de quase duzentos e cinquenta dos quais o seu Almirante-Chefe podia contar com quase cem em operação e mais quinze por mês. Eles devastavam as águas americanas quase sem controle. No fim de janeiro, trinta e um navios, somando quase duzentas mil toneladas, tinham sido afundados perto da costa dos Estados Unidos e do Canadá. A grande rota marítima es-

tava coalhada de indefesos navios mercantes norte-americanos e aliados. Por ela se deslocava a preciosa frota de petroleiros, numa procissão ininterrupta que vinha dos postos petrolíferos da Venezuela e do Golfo do México e, tanto ali quanto no Caribe, em meio a uma profusão de alvos, os submarinos optavam por dar caça principalmente aos petroleiros. Toda a sorte de embarcações de países neutros eram atacadas. Semana após semana, crescia a escala do massacre. Em fevereiro, eles destruíram 71 navios no Atlântico, num total de 334 mil toneladas, dos quais todos, com exceção de dois, foram afundados na zona norte-americana. Era o mais alto índice de perdas sofrido até então. E logo seria suplantado."

São ainda de Churchill estas palavras:

"A proteção fornecida pela Marinha dos Estados Unidos foi dolorosamente insuficiente por vários meses. Na verdade, é espantoso que, nos dois anos de avanço da guerra total em direção ao continente americano, não se houvessem tomado mais providências para barrar essa ofensiva mortífera.

Nos termos da política do Presidente – "toda a ajuda a Grã-Bretanha, excetuando-se a guerra" – muito se havia feito por nós.

Em 1º de abril, a Marinha dos Estados Unidos teve finalmente a possibilidade de iniciar um sistema parcial de comboios. O alívio foi imediato e as perdas se reduziram.

Ato contínuo, o almirante Doenitz transferiu seu ponto de ataque para o Caribe e o Golfo do México, onde ainda não havia comboios em operação. Singrando distâncias mais longas, os submarinos também começaram a aparecer nas costas do Brasil e no Rio São Lourenço. Somente no fim do ano foi que um sistema completo e interligado de comboios, cobrindo toda essa imensa área, tornou-se plenamente eficaz.

Em seguida, nova referência ao nosso País:

"É oportuno, neste ponto, relatar o curso dos acontecimentos em outros lugares e registrar sucintamente o progresso da Batalha do Atlântico até o fim de 1942.

Em agosto, os submarinos voltaram sua atenção para a área próxima de Trinidad e do litoral norte do Brasil, onde os alvos mais atraentes eram os navios que levavam bauxita para a indústria aeronáutica."

Sr. Presidente, citei preliminarmente as memórias de Churchill, para mostrar a razão imediata da presença do Brasil no teatro de operações da Segunda Guerra Mundial. Na batalha do Atlântico, perdemos nada menos de 19 navios mercantes, num total de 75.500 toneladas, enquanto o custo em perdas humanas ascendeu a 740 pessoas, entre passageiros e tripulantes de navios mercantes e de guerra. O clamor popular terminou por vencer as resistências do Sr. Getúlio Vargas, em cujo Ministério, até mesmo em razão do regime político vigente no país, havia notórias simpatias pela causa do Eixo.

É importante ressaltar que o Brasil não dispunha, àquela época, de uma ligação Norte-Nordeste, ao contrário do que ocorria entre o Rio e São Paulo. Não havia virtualmente tráfego rodoviário nem ferroviário e o aéreo era altamente incipiente e primário, razão por que a Marinha Mercante era o elo vital de ligação, tanto entre o Norte e o Nordeste, quanto entre essas duas regiões e o Centro-Sul do País. Não poderíamos, tanto por motivos políticos, quanto por razões econômicas e estratégicas, permanecer indife-

rentes à ação devastadora dos submarinos do Eixo. Isto serve para lembrar às atuais gerações que o teatro brasileiro de operações na Segunda Guerra Mundial não se cingiu apenas, como pensam alguns, aos campos de batalha na Itália. Lamentavelmente, é um fato que alguns pseudo-historiadores querem ocultar, ignorando não só as vítimas brasileiras nessa fase do conflito, mas sobretudo o interesse da Alemanha em nosso País e no continente americano, de que são evidências incontestáveis, quer o afundamento do encouraçado alemão "Graf Spee" nas costas do Uruguai, quer o afundamento pela FAB, de alguns submarinos alemães em nossas águas territoriais, com o aprisionamento de parte de suas tripulações, internadas em território nacional, como prisioneiros de guerra.

Ignora essa contra-cultura que se apoderou de algumas de nossas Universidades que, antes mesmo da declaração formal de guerra do Brasil às potências do Eixo, já tinha o Governo brasileiro, como resposta a essas agressões, firmado com o Presidente Roosevelt um acordo para o estabelecimento de bases navais construídas em Belém do Pará, Natal e Recife. O nosso território, foi portanto um ponto de partida essencial para a estratégia aliada na recuperação do Norte da África, na reconquista do Mediterrâneo, e na invasão da Itália. Devemos entender que a relevante atuação do Brasil com suas tropas no teatro europeu, era o desdobramento dessa série de operações navais e aéreas que já se desenvolviam tendo como base o nosso território.

A contribuição da Força Expedicionária Brasileira, porém, foi um momento decisivo de inflexão sem retorno, na integração do Brasil entre os Aliados. Nossa participação não foi anterior, não só em razão das dificuldades internas com que se defrontava o País, mas também pela circunstância de que, na famosa reunião de Casablanca, ocorrida em 1943, entre Churchill e Roosevelt, tinha ficado acertado que o desembarque aliado na Europa se daria apenas no ano seguinte. No entanto, se a campanha da Itália é um referencial inesquecível de nossa história, não podemos esquecer os reflexos internos desse gesto. Há um fato referido pelo General Octávio Costa, em seu livro "Trinta anos depois", até hoje incontestado por políticos e historiadores, e que pode dar bem a medida das repercussões de termos ido defender a liberdade em outro continente, quando aqui sofríamos as agruras de sua ausência. Num dos despachos com seu Ministro da Guerra, o General Góis Monteiro, que nutria simpatias pela Alemanha nazista, o Presidente Vargas lhe perguntou o que achava do envio de um contingente de tropas brasileiras para lutar na Itália. Ante a insistência do ditador, em face do silêncio do velho general, este lhe teria respondido:

"Presidente, não estou pensando na ida. Estou pensando na volta..."

Tanto quanto a ida, Sr. Presidente, a volta foi o inevitável reflexo dos que lutaram na Itália e da lembrança dos que deram a vida na luta pela preservação da liberdade. A este compromisso democrático, me referirei logo em seguida.

O fato concreto é que a partir de 1943 iniciaram-se os preparativos para que o Corpo Expedicionário Brasileiro cumprisse sua missão na Europa. Uma comitiva de oficiais brasileiros, entre os quais o futuro comandante da FEB, o Marechal Mascarenhas de Moraes e o então Coronel Castello Branco, estiveram na Argélia, no palco de operações do Mediterrâneo, para conhecer as condições em que teria que operar a FEB.

O Brasil era um País de 40 milhões de habitantes, monocultor, monoexportador e dependente dos suprimentos externos para as suas necessidades mais elementares. Tínhamos uma incipiente e precária indústria, não dispúnhamos de combustíveis, não contávamos com siderurgia, nem com a exploração eficaz do carvão. Quando veio o esforço de guerra, com todas suas energias voltadas para o suprimento de matérias-primas importadas, o Brasil se

viu isolado de se mesmo, sem comunicações, sem transporte e sem abastecimento adequados. Os brasileiros conheceram o racionamento, de alimentos essenciais e de combustíveis. Criou-se a Coordenação da Mobilização Econômica, e os cartões de racionamento foram os responsáveis por filas imensas que, nas grandes cidades, permitiam a precária aquisição de artigos essenciais como carne, manteiga e trigo. A despeito de tudo isso, mobilizaram-se as frágeis energias nacionais.

Nada menos de 25.334 homens foram enviados à Itália, dos quais 15.069 pertenciam à tropa que entrou em combate, distribuindo-se os demais entre os órgãos não-divisionários e o Depósito de Pessoal. Essas tropas se incorporaram, sob o comando do General Zenóbio da Costa, ao V Exército americano comandado pelo General Arthur Mark Clark que em suas memórias, sempre fez questão de destacar o valor do soldado brasileiro e a relevância da contribuição da FEB à libertação da Itália e à vitória final sobre o nazismo na Alemanha. Vale destacar que a ação da infantaria, da artilharia e da Força Aérea brasileiras são páginas memoráveis que não podem ser esquecidas no contexto global das diversas frentes em que se dividiu o conflito. A frente italiana só não constitui um episódio mais convenientemente destacado no anais da Segunda Guerra Mundial pela circunstância de que a libertação de Roma, o primeiro dos baluartes nazi-fascistas do Eixo a sucumbir, coincidiu com o desembarque aliado na Normandia, episódio que marcou o início da grande ofensiva aliada para a vitória final na Europa.

O importante para nós, Sr. Presidente, é destacar e reconhecer o papel que tiveram os soldados brasileiros no campo de batalha, provando o valor dos pracinhas e a competência dos Oficiais brasileiros. Um reconhecimento que não é só do Brasil, mas virtualmente de todos os Aliados, inclusive do maior deles, Winston Spencer Churchill que na localidade de Vada, visitou nossas tropas e lá fez questão de saudar os irmãos de armas da América do Norte e do Brasil.

Este feito, Sr. Presidente, é uma página de que todos devemos nos orgulhar, porque foi a primeira vez que um país latino-americano cruzou o oceano para se irmanar com os ideais da liberdade na Europa, lutando pela sua redenção. Isto teve repercussões dentro das próprias Forças Armadas, como previra o General Góis Monteiro, anos antes. Criou-se uma elite dentro do Exército, tomando evidente sua capacidade operativa, calcada no valor, na intrepidez e na coragem dos soldados brasileiros, homens simples, gente do povo que pagou seu tributo em vidas pela libertação de outros povos. Os que sobreviveram e voltaram contribuíram decisivamente para restauração da Democracia, não só na Europa, mas também no Brasil.

Lutamos ao lado das nações democráticas da Europa, como a França e a Grã-Bretanha, e ao lado dos Estados Unidos. Lutamos com as tropas italianas que, formadas por cidadãos de todas as classes, se insurgiram contra o fascismo. Tudo isso. Sr. Presidente, calou fundo no coração e na mente dos combatentes brasileiros, dos oficiais brasileiros, cuja tradição vinha de longe, da epopéia do Tenentismo, dando-lhes a visão magnânima de que também era necessário restaurar a liberdade e a democracia no Brasil. Foi esse impulso, revivido pela guerra, pela ação da Força Expedicionária Brasileira, o grande responsável pela derrocada do Estado Novo que desde 1937, alimentado pela simpatia votada aos regimes da Alemanha e da Itália, levou a democracia brasileira a uma noite que parecia eterna. A volta triunfal e o entusiasmo com que o Brasil acolheu os soldados vitoriosos, tornou inevitável o fim do autoritarismo também entre nós.

São fatos conseqüentes, interligados e intercorrentes: a volta dos pracinhas em agosto, o fim do Estado Novo em 29 de outo-

bro, e a realização de eleições livres e democráticas em 2 de dezembro. Bastaria essa restauração do espírito e das energias democráticas do País para justificar a homenagem e o tributo aos homens que escreveram páginas memoráveis da História do Brasil na Europa.

O dia 8 de maio de 1945, em que o General Gustav Jodi, Chefe do Estado Maior Alemão do IIIº Reich, assinou a rendição incondicional de seu país, não é apenas uma data memorável na história da Humanidade. É, também, um dia inesquecível para os fastos nacionais, pois representou o reinício da restauração e do renascimento do espírito democrático da Nação empenhada na luta pela liberdade. Esse ideal democrático jamais desapareceu nem desertou do espírito e da alma da parcela do povo brasileiro que compõe as suas Forças Armadas, mesmo nos momentos mais dolorosos por que passou a democracia brasileira depois disso, como em 1968, esse ideal da FEB sempre alentou a esperança da consolidação democrática, servindo de advertência para o fato de que o autoritarismo jamais poderá prevalecer em nosso País.

Gostaria de encerrar essa exaltação à FEB, a seus praefinas e oficiais que honraram o Brasil na Segunda Guerra Mundial, reiterando que esta homenagem foi por mim requerida para não deixar morrer a memória da História brasileira, tão maltratada por alguns setores da Universidade, e tão esquecida pela intelectualidade nacional. Ainda hoje, alguns dos melhores estudos sobre o papel da FEB, fora dos círculos militares, são exatamente de dois correspondentes de guerra, o jornalista Joel Silveira e o escritor Rubem Braga.

Recorro ainda uma vez à eloquência do grande líder e homem público inglês, Winston Churchill, transcrevendo a última página de seu livro de memórias, escrito em 1957, para tornar ainda mais evidente que ele foi sem dúvida, o maior estadista deste século, defensor da causa democrática no mundo, na medida em que, no longínquo ano da publicação de sua monumental obra, foi capaz de prever, com enorme antevisão, o mundo pelo qual estamos ainda hoje lutando:

"Não pretendo sugerir que todos os esforços e sacrifícios da Grã-Bretanha e de seus aliados, registrados nos seis volumes de minhas memórias de guerra, tenham-se reduzido a nada e tenham levado apenas a um estado de coisas mais perigoso e desolador do que no princípio. Ao contrário, atendo-me firmemente à crença em que não tentamos em vão. A Rússia vem se tornando uma grande nação comercial. Seu povo experimenta dia a dia, com crescente vigor, as complicações e paliativos da vida humana que tornarão os esquemas de Karl Marx mais obsoletos e menores em relação aos problemas mundiais do que eles jamais foram. As forças atuais estão atuando com maior liberdade e maior oportunidade para fertilizar e diversificar as idéias e o poder de cada homem e mulher. Elas são muito maiores e mais flexíveis, na vasta estrutura de um império poderoso, do que jamais poderia ser concebido por Marx em seu casebre. E quando a própria guerra é cercada pela ameaça de extermínio mútuo, parece provável que venha a ser cada vez mais adiada. As disputas entre nações e continentes, ou entre combinações de nações, sem dúvida continuarão a existir. Mas em sua maioria, a sociedade humana crescerá sob muitas formas que não são compreendidas pelas máquinas partidárias. Assim, enquanto o mundo livre se mantiver unido, sobretudo a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, e enquanto ele preservar sua força, a Rússia descobrirá que a paz e a prosperidade têm mais a oferecer do que a guerra exterminatória. A ampliação do

pensamento é um processo que ganha impulso ao se buscar a oportunidade para todos os que a reivindicam. E é bem possível que, se praticadas a sabedoria e a paciência, essa oportunidade para todos conquiste as mentes e refreie as paixões da humanidade." (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE** (Luís Eduardo) – Concedo a palavra ao nobre Deputado Severino Cavalcanti, que falará pelo Bloco Parlamentar (PFL-PTB.)

**O SR. SEVERINO CAVALCANTI** (Bloco/PFL – PE. Pronuncia o seguinte discurso.) – Exmº Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Exmº Sr. Gen. Darcy Lázaro, Presidente de Honra dos ex-Combatentes e Veteranos da FEB, Sr's e Srs. Deputados, prezados componentes da FEB, minhas senhoras e meus senhores, "Nunca, no campo dos conflitos humanos, tantos deveram tanto a tão poucos". Esta frase, pronunciada por Winston Churchill, em 1940, ao homenagear os aviadores ingleses que resistiram bravamente aos bombardeiros alemães, constitui o justo reconhecimento da humanidade a todos os que enfrentam, decididamente, a tirania nazista.

O ex-Primeiro Ministro da Inglaterra antecipou, em nome da consciência livre mundial, cinco anos antes do fim da guerra, de forma profética, o preito da gratidão de todos os povos e de todas as gerações com os soldados e guerreiros, das mais diferentes nacionalidades, que combateram o nazi-fascismo, arrostando dor e sacrifício de toda a natureza.

Este ano está sendo comemorado o transcurso do 50º aniversário do término da Segunda Guerra Mundial, o maior e mais sangrento conflito de todos os tempos, que teve início no dia 1º de junho de 1939, quando a Alemanha invadiu a Polónia, selando um acordo com a outra ditadura da União Socialista Soviética. Na época, a esquerda mundial sai em defesa do ato, afirmando que foi uma posição definitiva, mas o fato é que a Polónia era dividida fraternalmente entre Hitler e Stalin.

A Câmara dos Deputados dedica a sessão de hoje a essas justas comemorações. E é com muito orgulho que, por honrosa delegação da nossa Liderança, falamos em nome do Partido da Frente Liberal, para externar os sentimentos da nossa bancada, que são os do povo brasileiro, o qual, em 1945, festejou nas ruas o fim da guerra e, na chegada dos praefinas, reclamou liberdade e pediu o fim do Estado Novo.

Hoje, passado meio século, ensaja a dimensão histórica uma análise do que aconteceu e do que os fatos representaram para os destinos dos povos.

Conclusões e lições podem e devem ser extraídas.

A mais importante conclusão foi a de que a tirania não pode triunfar sobre a liberdade, nem o medo pode ser fator de grande decisões.

O ataque à base norte-americana de Pearl Harbor, no Havaí, teve mais que o sentido de provocação. Visou intimidar os Estados Unidos. Estes, entendendo o momento histórico, reagiram, ingressando-se no conflito e ampliando, a partir de então, o envolvimento internacional nas operações de guerra.

Em maio de 1940, quando Churchill substituiu Chamberlain, as bombas nazistas desabavam sobre Londres maciçamente. O grande líder reorganizou o Gabinete em questão de horas e, assumindo o cargo de Primeiro Ministro, lançou um grito de guerra que ecoou em todo o mundo: "Desejais saber qual o nosso plano de ação? Eu vos direi: é combater, no mar, na terra e no ar, com todo nosso poderio, com toda a energia que Deus nos conceda para dar combate a uma monstruosa tirania, jamais superada no negro catálogo dos crimes humanos".

A reação vitoriosa da Inglaterra criou as condições para a libertação da França e a derrocada do nazi-fascismo em todas as

frentes de batalha.

Outra conclusão é referente aos perigos do messianismo, de falsos salvadores da humanidade que, apelando para sentimentos e instintos de multidões despreparadas, tentam barrar o avanço da civilização, com a promessa do paraíso.

A combinação sinistra do preconceito com o fanatismo, do racismo com o nacionalismo exacerbado, gerou a doutrina da insensatez, que alcançou o clímax da degradação do homem no horror dos campos de concentração.

A escalada da dominação e do terror sem limite permitiu ao mundo, atônito, viver a conflagração cultivada pela mentira e gerada pelo ódio, em nome da deificação de um líder nacional, que aspirava tornar-se o senhor do mundo, subjugando todos os povos.

A democracia sai fortalecida da guerra, porque ela funciona mediante a participação de toda a sociedade, sendo, portanto, incompatível com ditaduras e ditadores, com regimes totalitários, que aprisionam os opositores nos cárceres ou os enviam para campos de concentração ou para trabalhos forçados.

Nós, brasileiros, tivemos participação ativa nos combates através da gloriosa Força Expedicionária Brasileira, quando os estudantes e Operários saíram às ruas exigindo uma tomada de posição contra o eixo nazi-fascista. Com a reação do povo brasileiro, o Governo, forçado pela opinião pública, entrou ao lado dos aliados, que representavam o liberalismo contra as forças do mal. É exatamente isto que o nosso partido deseja para o Brasil.

Muito aprendemos com os embates travados. Tanto no campo de trabalho, onde 454 compatriotas morreram e 2.722 retornaram feridos, como nas duras lutas contra a ditadura do Estado Novo.

É oportuno lembrar: enquanto nossos pracinhas enfrentavam os inimigos, defendendo a democracia, aqui no Brasil feroz Governo ditatorial massacrava os patriotas, que exigiam um Governo democrático. O Estado Novo, enquanto mobilizava as atenções e simpatias da população, através da manipulação de artistas famosos, para citar um exemplo, praticava, nos presídios, a tortura e a crueldade contra os que não rezavam na cartilha do ditador.

Não foi por outra razão que o nosso País, antes de entrar na guerra, chegou a perder para o Eixo, tais eram as afinidades do Estado Novo com o regime fascista de Mussolini, o poderoso aliado de Hitler.

Sr. Presidente, Senhoras e Senhores, os brasileiros vibram com o noticiário que informava as vitórias dos aliados. Com relação às vitórias brasileiras na Itália, as reações chegavam ao delírio: êxito nos combates de Camaiole, Monte Prano, euforia total nas tomadas de Monte Castelo, Castelnuovo e de Montese, além de outras retumbantes vitórias conquistadas pelas nossas tropas.

Esses resultados nos campos de batalha tinham o condão de reacender nos democratas brasileiros a inquebrantável fé na restauração da democracia.

É importante ressaltar que, contrariando a ditadura, movimentos de estudantes, trabalhadores e intelectuais começam a ocorrer, em 1942, iniciando uma jornada de desafios que só terminaria em 1945.

Em 1943, o "Manifesto dos Mineiros" já alertava: "Se lutamos contra o fascismo, ao lado das Nações Unidas, para que a liberdade e a democracia sejam restituídas a todos os povos, certamente não pedimos demais reclamando para nós mesmos os direitos e as garantias que as caracterizam". Em janeiro de 1945, reunidos em São Paulo, os escritores lançam veemente documento, também clamando pela democracia. Um mês depois, o **Correio da Manhã** publicava entrevista de José Américo de Almeida concedida a Carlos Lacerda, que representou o rompimento da censura à imprensa.

É claro que muitos outros episódios repercutiram em todo o País. Mas a verdade é que as Forças Armadas, que, até então, tinham dado apoio ao Estado Novo de Vargas, interpretam os sentimentos do povo e depõem o ditador, em 29 de outubro de 1945.

A Segunda Guerra Mundial foi a maior tragédia de todos os tempos. Mas temos de confiar que os ensinamentos que dela resultaram sirvam, para sempre, como alerta contra a demagogia e a aventura ditatorial.

Não posso deixar de registrar a bela lição de história que ministrou aqui o nobre Deputado Paes Landim, autor do requerimento que nos dá esta oportunidade de enaltecer o trabalho feito pelos nossos patriotas, os nossos pracinhas, que deram tudo de si, a fim de que pudéssemos respirar liberdade.

O chanceler brasileiro Osvaldo Aranha, em 1942, no encerramento da III Conferência dos Chanceleres, no Rio de Janeiro, definiu, de maneira lapidar, o pensamento democrático do nosso povo.

Osvaldo Aranha, chanceler brasileiro, foi um dos grandes responsáveis para que o Brasil não caísse nos braços do Eixo e teve uma participação ativa quando como Embaixador do Brasil, como um homem forte no Governo, fez com que a trajetória do Governo mudasse para o caminho da democracia.

Sr. Presidente, para encerrar, vamos reproduzir o trecho de sua manifestação.

"Nenhuma nação fez sua a vontade de um outro povo, mas todas as nações da América hoje só têm uma vontade... Pela primeira vez todo um continente se declara unido para uma ação comum, em defesa de um ideal comum, que é o de toda a América". (Palmas.)

*Durante o discurso do Sr. Severino Cavalcanti, o Sr. Luís Eduardo, Presidente, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Wilson Campos, 1º Secretário.*

**O SR. PRESIDENTE** (Wilson Campos) – Concedo a palavra, para falar em nome do PMDB, ao Deputado Hélio Rosas.

**O SR. HÉLIO ROSAS** (PMDB – SP. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, autoridades presentes, senhores integrantes da FEB, minhas senhoras, meus senhores, talvez por ter sido um dos que tiveram a honra de participar dos trabalhos constituintes, que resultaram na inclusão do art. 53 e itens nas Disposições Transitórias da Carta de 1988, e por ter tido a oportunidade de usar esta tribuna várias vezes para reclamar do Governo o envio da mensagem que está prevista no § 3º do citado dispositivo constitucional, tomando realidade os direitos nele consagrados, beneficiando a todos os integrantes da Força Expedicionária Brasileira, talvez por essas razões tenha sido o escolhido pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro para falar em seu nome nesta solenidade. E assim o faço, saudando esta Casa pela feliz iniciativa de associar-se as comemorações que, no mundo todo, se promovem pelos cinquenta anos do término da Segunda Guerra Mundial. É ocasião para honrar a memória de todos os heróicos opositores de uma ideologia que buscava o domínio, mediante a violação das liberdades fundamentais do homem, o extermínio dos que se lhe opunham, o holocausto racial e crueldades até então inimagináveis.

É este, também, momento propício para debates e reflexões sobre aquele que foi um dos eventos mais importantes da História da Humanidade. Pela dimensão planetária que alcançou, pelo número de exércitos e nações envolvidas, pelo êxodo e o deslocamento de expressivos contingentes populacionais, pela crise dos grandes sistemas coloniais que determinou, assim como pela instauração de uma nova ordem política e econômica, a Segunda

Guerra Mundial marca indubitavelmente uma alteração no curso da História.

A luta ideológica que se travava nos campos de batalha da Europa teve repercussões diretas sobre o quadro político brasileiro de então. Enquanto lhe fora possível, Vargas defendera a posição de neutralidade no conflito, sem dúvida por lhe serem mais simpáticas as tendências totalitárias dos países do Eixo, mais afins com a ideologia aqui implantada pelo Estado Novo. No entanto, com o desenrolar do conflito, os sentimentos democráticos, tornados mais vivos pela repulsa ao nazi-fascismo, com tudo o que continha de atentatório às liberdades humanas, também nas terras brasileiras começaram a se firmar e a ousar manifestar-se à luz do dia.

O ataque a navios mercantes de bandeira brasileira, justificado por Hitler como represália contra o Governo que tardava em exteriorizar suas afinidades ideológicas com o totalitarismo, foi o estopim para a explosão popular que exigia a partição brasileira ao lado dos Aliados.

Organizada a Força Expedicionária Brasileira, partem os nossos vinte e cinco mil soldados para os campos de batalha na Itália. Estranha a situação que então se estabeleceu. Enquanto, lá nos campos italianos, os nossos soldados combatiam o nazi-fascismo e morriam em defesa dos ideais de liberdade, vivia-se, aqui, um regime que negava esses mesmos ideais.

A consciência do absurdo dessa contradição tornava-se cada vez mais aguda, sobretudo entre os integrantes de nossas Forças Armadas, como o testemunho do General Juarez Távora, protagonista dos acontecimentos que levaram à deposição de Vargas e à redemocratização do País:

"Era, então, flagrante a contradição entre o ambiente autocrático em que permanecia o Governo brasileiro e os ideais democráticos, já quase vitoriosos, por que se batiam nossos soldados expedicionários, na Europa.

Sentia, entre os meus camaradas de guarnição da Vila Militar, uma crescente inquietação diante de tal contradição. Dispuse-me a discutir com eles, em plena luz do dia, isto é, sem dissimulações conspiratórias, as dificuldades da situação e os caminhos viáveis para dela sairmos."

As ideologias autoritárias não mais tinham lugar. Derrotados estavam os nacionalismos xenófobos e os regimes ditatoriais.

O que nos cabe questionar, no entanto, é se a vitória então alcançada representou uma conquista definitiva. Poderemos considerar totalmente derrotada a tentação do autoritarismo, da intolerância e do racismo? A democracia e o ideal de liberdade são valores de tal modo estabelecidos que já não correm perigo de violações?

Infelizmente, não é essa a realidade do mundo de hoje. Velhos demônios persistem, em reaparições irracionais, trazendo de volta antigos horrores e tormentos. No próprio momento em que o Primeiro-Ministro da Inglaterra, John Major, declarava que o dia 8 de maio de 1945 "mudou o nosso futuro, lançando as fundações de uma Europa pacífica e livre, e isso deve ser comemorado", bombas eram lançadas sobre Gorazde, e os campos da antiga Iugoslávia eram varridos por tiros de canhão, no que se pretendia ser a complementação de uma "limpeza racial". Zagreb vive sob bombardeio, amplia-se a guerra na Bósnia. E a Organização das Nações Unidas, criada para "preservar as gerações futuras dos flagelos da guerra", mostra-se impotente e desmoralizada.

A hedionda hidra da obstinação totalitária e do nacionalismo exacerbado dá, assim, sinais de que continua viva. Que a todos os povos do mundo não faltem a disposição e a coragem necessárias para decepar-lhes as cabeças a cada vez que renasçam! Descuidarmo-nos

desse combate será trair os valores mais altos que a humanidade erigiu como seus, com sangue e sacrifícios. Permanentes vigilância devemos a todos aqueles que, nos mais diferentes tempos e lugares, tudo sacrificaram na defesa desses mesmos valores. Esse é um compromisso que nos cabe assumir neste ano em que, passados cinquenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial, relembramos todos os horrores decorrentes de ideologias degeneradas que menosprezam a dignidade inerente a todos os seres humanos.

Encerro, Sr. Presidente, Sr<sup>s</sup> e Srs. Deputados, autoridades presentes, saudando, em nome do PMDB, todos os integrantes da gloriosa Força Expedicionária Brasileira, aqueles que tombaram nos campos de batalha da Itália e aqueles que estão aqui presentes, testemunhando a história de heroísmo e de sacrifício na luta em defesa dos ideais da humanidade. (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE** (Wilson Campos) – Concedo a palavra ao Sr. Deputado Arnaldo Madeira, que falará em nome do PSDB.

**O SR. ARNALDO MADEIRA** (PSDB – SP. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Sr<sup>s</sup> e Srs. Deputados, Sr. Presidente de Honra dos ex-Combatentes e Veteranos da FEB, General Darcy Lazaro, Srs. Combatentes, autoridades presentes, senhoras e senhores, as comemorações pelo fim da Segunda Guerra Mundial refletem o sentido inequívoco da vitória dos países Aliados contra o nazi-fascismo: a opção pela democracia. Perderam aqueles que apostaram na discriminação racial, política e em todos os tipos de discriminação; venceram todos os que acreditam na liberdade como valor fundamental na construção das regras de convivência pacífica entre os homens.

A defesa da democracia, que ao longo deste século encontrou muitos obstáculos, práticos e teóricos, acabou consolidando-se como opção definitiva da cultura ocidental. Na ocasião do conflito mundial, essa opção não era tão clara como agora. Muitos cederam à tentação de manipular populações em nome de ideais nacionalistas. Em seguida, multiplicaram-se as tentativas de impor, pela força, as "virtudes", entre as aspás, de um suposto, igualitarismo socialista, que acabou naufragando num imenso equívoco histórico. No Brasil, inclusive, o impulso centralizador do Estado Novo só se esgotou quando os ventos democráticos que varriam a Europa conquistaram definitivamente o coração do povo.

A vitória da democracia, hoje tão consolidada no Ocidente, só se tornou possível em função da vitória militar dos Aliados em 1945. Esse evento pode parecer distante aos olhos dos jovens, mas ali foi jogada a cartada decisiva em torno da liberdade. Por isso, todos devemos ser imensamente gratos aos homens e mulheres que perderam suas vidas durante o conflito. Eles morreram para que seus filhos e netos pudessem desfrutar da paz e da prosperidade que viriam em seguida.

Se hoje ainda temos, no mundo, alguns focos de conflitos localizados, não resta dúvida do predomínio da idéia da democracia que esteve presente em todo o momento no maior conflito da história da humanidade.

Nossa gratidão é ainda maior aos brasileiros que lutaram na Itália. Longe de seus lares, envolvidos numa guerra que lhes parecia distante e absurda, foram capazes de enfrentar condições as mais adversas, para contribuir no esforço conjunto que então se realizava. Foram eles, também, os soldados da Força Expedicionária Brasileira, que impuseram ao regime ditatorial comandado por Vargas a inclinação definitiva para a democracia. Não seria possível aceitar em suas próprias casas a iniquidade contra a qual lutavam no exterior.

Devemos enfatizar, também, que nossa responsabilidade era muito grande, pois a inclinação do Brasil influenciaria, como in-

fluencia até hoje, todo o continente sul-americano. Ao mobilizar nossas tropas e oferecer nossas bases como ponto de apoio para o deslocamento dos Aliados, marcamos uma posição definitiva no conflito. O próprio controle sobre o Atlântico estava em jogo, dada as dimensões de nossa costa.

Hoje, o panorama mundial é totalmente distinto. O fascismo e o comunismo foram derrotados. O mundo vislumbra a perspectiva de uma integração econômica e cultural crescente. O Brasil, como potência emergente, assume cada vez mais o papel de liderança que lhe cabe na nova trama das relações internacionais. Mas o horizonte que temos pela frente está intimamente condicionado à experiência acumulada no passado recente, no qual a Segunda Guerra foi marco decisivo.

Dentre todas as lições que aprendemos, a mais profunda e duradoura foi, sem dúvida, aquela que ensina o valor da convivência pacífica entre as nações. Nada justifica a guerra. Nada substitui a paz.

E a paz verdadeira nunca será alcançada quando um país, ou um grupo de países, quiser impor seus valores aos demais. A liderança legítima é conquistada, nunca pode ser imposta: ela nasce e se nutre do diálogo.

Portanto, quando nos preparamos para ingressar no século que se avizinha, muito temos a ganhar, se incorporarmos a nossas conquistas definitivas o valor inestimável do respeito mútuo entre os povos. A guerra sem limites, a guerra arrasadora, que pretende aniquilar o adversário, conduz sempre a novos conflitos e consolida as tensões, em vez de aliviá-las. Quando pensamos nos milhões de mortos e no sofrimento incalculável produzido pela luta fratricida que se travou na Europa, não podemos hesitar, um só instante, na defesa sem tréguas da negociação e do diálogo como instrumentos insubstituíveis para o crescimento da humanidade.

Deixamos, então, aqui, registrada nossa homenagem e nosso profundo reconhecimento ao sacrifício de todos os que lutaram pela liberdade na Segunda Guerra. E temos certeza de que não se trata de uma homenagem puramente formal. Nós, brasileiros, que sempre nos posicionamos a favor da solidariedade internacional, conhecemos e defendemos o valor supremo da democracia, pois somente será duradoura a paz construída com a participação consciente de todos e o respeito à liberdade individual e à autodeterminação dos povos. (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE** (Wilson Campos) – Concedo a palavra ao nobre Deputado Matheus Schmidt, que falará pelo PDT.

**O SR. MATHEUS SCHMIDT** (PDT – RS. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Sr<sup>s</sup> e Srs. Deputados, autoridades militares e civis aqui presentes, senhoras e senhores, a segunda guerra mundial constitui-se no maior drama vivido pela humanidade em todos os tempos. As batalhas que se sucederam, os mortos, os milhões de mortos de todas as nacionalidades, de todos os credos, raças e línguas; pretos, brancos e amarelos; os feridos, os deformados, os deficientes de todos os matizes, tudo isso configura apenas uma parte das terríveis possibilidades que estiveram em jogo no desenrolar das operações de guerra daquela grande catástrofe. De certo modo, era o próprio destino das instituições que o homem concebera para viver com dignidade sobre a face da terra, livre de medo, da opressão e da tirania, que se estava decidindo nos campos de batalha.

Hitler levava a Alemanha à guerra com o objetivo estratégico de conquistar o mundo, para implantar o III Reich, nos moldes do nacional-socialismo, como complementação definitiva de um milênio da história alemã.

Austriaco de nascimento, cabo do exército alemão na I Guerra Mundial, Hitler ingressou, logo após a guerra, no Partido dos Trabalhadores Alemães (Deutsche Arbeiterpartei), que trans-

formou, em 1920, no Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (National Socialistische Deutsche Arbeiterpartei – NSDAP). Era o partido nazista.

A estrutura organizacional e as atividades desse novo tipo de movimento basearam-se no princípio do líder. Ao centro de tudo encontrava-se a figura de Hitler. "Em termos de psicologia social, ele representa o homem comum", lembra Norberto Bobbio, em posição de subordinação, ansioso para compensar seus sentimentos de inferioridade através de militância e do radicalismo político.

Seu nascimento na Áustria, seu fracasso na escola e na profissão e a experiência libertadora da camaradagem masculina durante a guerra, forjaram, ao mesmo tempo, sua vida e a ideologia do nacional-socialismo.

Doutrinariamente, o nacional-socialismo tinha por base um darwinismo social-nacionalista e racista. Configurava um sistema totalitário, de partido único, com um único líder, o Führer.

A tomada do poder deu-se em 1933, num período de cinco meses, e o regime foi definitivamente implantado no verão de 1934, quanto Hitler, através de expurgos sangrentos dentro do Partido – e das organizações militares do Partido, as S. A. –, conseguiu o apoio total do Exército e se nomeou, após a morte do Presidente Hindenburg, Chefe do Estado, Chanceler, Líder do Partido e da nação, ditador único da Alemanha.

O nacional-socialismo passou a ser a doutrina do Governo. As palavras-chaves de seu sistema de valores davam os contornos do nazismo: "Nação, raça, espaço vital – *ledeusraum* –, a comunidade do povo, liderança, ação, autoridade, sangue e terra, frente e batalha".

Os preparativos finais da guerra deram-se com a anexação da Áustria, em 1938. A invasão da Polônia, em 1939, e a consequente tomada da Tchecoslováquia e países vizinhos deflagraram a guerra na Europa, que só teve fim com a rendição total e incondicional do Exército Alemão. O documento de rendição foi assinado pelo General de Divisão Bedell Smith e pelo General Jodl, com oficiais franceses e russos por testemunhas, às 24h1min de 7 de maio de 1945. A ratificação formal por parte do Alto Comando Alemão ocorreu em Berlim, providenciada pelos russos nas primeiras horas de 9 de maio.

O Marechal-de-Ar Tedder assinou, em nome de Eisenhower, o Marechal Zhukov, pelos russos, e o Marechal-de-Campo Keitel, pela Alemanha, segundo relato do insuperável guerreiro, estadista e escritor Sir Winston Churchill.

A rendição do Japão, que se seguiu à explosão atômica em Hiroshima e Nagasaki, selou o fim da Segunda Guerra Mundial. Nela estiveram envolvidos praticamente todos os países do mundo. De um lado, Alemanha, Itália e Japão constituíram uma aliança – o Eixo – liderada por Hitler, Mussolini e Hiroito; de outro, os aliados, sob a liderança de Churchill, Roosevelt e Stalin, congregando ingleses, russos, americanos, franceses, brasileiros, etc.

A participação do Brasil na guerra representou um esforço considerável da Nação e de seu povo. País pobre, com renda per capita de menos de 200 dólares, graças à grande mobilização popular que se seguiu ao afundamento dos navios mercantes brasileiros em nossas costas, pôde a Nação brasileira, há cinquenta anos, embarcar para a Europa a Força Expedicionária Brasileira. Composta de uma Divisão de Infantaria de 6 mil homens, cuja escala, na organização militar, dava-lhe plena autonomia de movimento, nossa força Expedicionária pôde alinhar-se junto ao V Exército Americano sem perder a sua identidade.

Não é exagero de patriotismo dizer que cobriu-se de glória nas terras italianas. Monte Castelo, Montese, Castelnuovo, Zoca, Collecchio são alguns dos marcos de heroísmos dos nossos solda-

dos.

O Marechal Floriano de Lima Brayner, no livro *Verdade sobre a FEB*, conta que informou ao Presidente Vargas por que a FEB tivera dificuldades para tomar Monte Castelo. Depois de mostrar que o Comando Americano do V Exército havia nos forçado a defender uma frente desproporcional aos nossos meios e ainda nos obrigado a realizar um ataque de grande envergadura, o então Cel. Chefe do Estado-Maior brasileiro disse ao Presidente Vargas:

"Nenhuma restrição deve ser feita a nossa tropa, Presidente. Nossos valorosos soldados e nossos magníficos oficiais, a despeito de todas as circunstâncias adversas, mostraram qualidades excepcionais. Não somos tropas de montanha. Acostumadas ao adestramento para luta na planície, até mesmo os processos de combate em terreno montanhoso nós não praticávamos. Muitas vezes atacamos em pleno dia, galgando o dorso da montanha, à base da pura bravura pessoal. Um tenente valente arrasta qualquer pelotão; por maior que seja a temeridade, os soldados o seguem."

Registra o Mal. Brayner que o grande elogio ao desempenho da FEB não partiu dos comandos norte-americanos, como era de se esperar. O Coronel do Exército alemão, Rudolf Böhmler, que comandou uma unidade da I Divisão de Pára-Quedistas do Grupo de Exército do Mal. Kesselring, na Batalha de Monte Cassino, escreveu um livro a que deu o nome de *Monte Cassino*. O militar alemão depõe sobre a FEB em várias páginas de sua obra. Depois de discorrer sobre a atuação da Divisão Brasileira em diversos campos de batalha, o Cel. Böhmler escreveu:

"A Divisão Brasileira fez-se notar mais uma vez quando as forças do V Exército flanquearam Bolonha. Em fins de abril de 1945, quando a I Divisão Blindada e a XXXIV Divisão de Infantaria Americana efetuaram um avanço a oeste de Bolonha, em forma de leque, através do Vale do Rio Pó, em direção a Milão e Turim, a I Divisão Brasileira, responsável pelo flanco sul, alcançou em poucos dias a distante cidade de Alexandria. Nessa ocasião, a Divisão Brasileira aprisionou toda a CXLVIII Divisão de Infantaria Alemã na região de Forno di Taro. Esse avanço arrojado, colhendo o comando alemão de surpresa, contribuiu para o rápido aniquilamento das forças italo-alemãs da Ligúria e, efetivamente, para a rendição incondicional do Grupo de Exércitos C., Alemão."

Não poderia haver elogio mais comovente. A palavra do Coronel alemão que viveu o teatro da guerra é o reconhecimento leal do inimigo ao valor dos nossos Pracinhas.

A redemocratização do Brasil, que vinha sendo Governado ditatorialmente, foi uma consequência lógica da presença da FEB nos campos de batalha. Finalmente, foi resolvida a incômoda contradição que existia entre o combate de armas na mão do nazi-fascismo lá fora e a presença de uma ditadura internamente.

Sr. Presidente, rememoramos hoje este episódio extraordinário da História da Humanidade. Que as suas lições estejam presentes nas grandes decisões que afetam os povos do mundo e que nós, brasileiros, nunca esqueçamos as lições da História e reverenciemos sempre os princípios da democracia, da justiça e da solidariedade e, mais do que tudo, expressemos eternamente o reconhecimento da Pátria aos nossos gloriosos Pracinhas.

**O SR. PRESIDENTE (Wilson Campos)** – Concedo a palavra ao Exmº Sr. Deputado Adylson Motta, que falará pelo PPR.

**O SR. ADYLSON MOTTA (PPR – RS.)** – Sr. Presidente, Sr's e Srs. Deputados, Senhoras e Senhores convidados, esta é uma data que merece ser ressaltada. Penso que todos nós temos, na memória, com tristeza, o que aconteceu há mais de 50 anos.

Disponho de um texto que me foi preparado, mas gostaria de dizer algumas coisas fora dele.

Tenho ainda a lembrança, criança que era quando a guerra estava terminando, do efeito que teve no mundo esse episódio. Estamos entre aqueles que procuram perquirir as razões da sua eclosão, creio que toda guerra encontra na guerra anterior seus motivos principais. Toda guerra é movida por interesses econômicos, inclusive. Todos nós sabemos que, saindo da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha não assimilou derrota, embora tenha assinado sua rendição nas imediações de Paris, num vagão em Campiègne, onde o Marechal Foch teria representado os países vencedores.

Mas houve, à época, um cabo austríaco que, pelas arruaças que procedia na época, foi condenado à cadeia. No período em que esteve preso escreveu um livro, onde mostra exatamente as razões pelas quais, mais tarde, faria a guerra da Alemanha.

Quem leu aquele livro – acredito que na sua geração muitos o tenham feito – não se deve ter surpreendido com muito das coisas que aconteceram, porque ele as escreveu no livro chamado *Mein Kampf*. Talvez quem o lesse não pudesse acreditar que uma pessoa, um ser humano, se entregasse a tal tipo de atrocidades, mas está escrito: Expansão para o Leste, ou seja, invasão da Rússia, e o extermínio da raça israelita no mundo. Está escrito com todas as letras.

Agora, a razão básica, a razão imediata da Guerra, no caso, foi o Tratado de Versalhes, que impôs condições que a Alemanha não teria como cumprir e que levou o seu povo a uma situação de desespero. O País sucumbiu financeiramente e economicamente e os problemas sociais eram inenarráveis.

São nessas épocas de dificuldades, de crise, que surgem aquelas figuras messiânicas perigosas que têm o condão de conduzir essas massas desesperançadas. E foi o que aconteceu na Alemanha arrasada, humilhada, porque, convenhamos, o povo alemão é um povo preparado. No desespero, sem encontrar, sem vislumbrar uma solução, uma vez que tinha que trabalhar tudo o que podia e mais um pouco para resgatar os compromissos do Tratado de Versalhes assinado com os países vencedores da Primeira Guerra, a Alemanha apostou no primeiro que lhe acenou com a possibilidade de não cumprir esse Tratado, para se levantar e ser novamente uma potência.

Aí surgiu essa figura execrada pelo mundo inteiro com todas as razões, que nos submeteu a uma tragédia, que talvez tenha sido um alerta para que o mundo viva dentro de uma sociedade democrática.

A Segunda Guerra não começou às 5h45min do dia 1º de setembro de 1939, como se registra, ela surgiu no dia em que Adolf Hitler assumiu o poder na Alemanha. Porque, desde então, outra coisa ele não fez senão descumprir o Tratado de Versalhes e, clandestinamente, proceder ao maior armamento a que um país já assistiu, criando a Wehrmacht, a Luftwaffe, preparando com todo poderio bélico a Alemanha para enfrentar os países que o haviam derrotado em 1945.

Foi uma sucessão de traições e tratados não cumpridos, tratados os mais contraditórios. A Rússia fazendo pactos de não agressão com a Alemanha. A Itália fazendo pacto com a França e a Grã-Bretanha repudiando as invasões e o respeito aos tratados anteriores. É incrível, mas houve esse tratado. E depois, finalmente, a formação do Eixo com o Japão, a Alemanha e a Itália, que foi o tratado que dividiu as forças em combate.

Foi assim que a Alemanha fez o *anschluss*, a anexação da

Áustria, dentro de um processo político muito comum à época das idéias nazistas. Foi assim que, por uma fraqueza de Chamberlain, a Alemanha se apoderou da Tchecoslováquia. E foi assim que no dia 1º de setembro de 1939, às 5h45min, o céu foi obscurecido por milhares de aviões Stuka, aviões de bombardeio em mergulho, e pelas poderosas divisões Panzer do Gen. Guderian. E, em 21 dias, arrasaram a Polônia, apesar de alguns isolados gestos heróicos do povo polonês. Foi assim que, em 21 dias, foi liquidada a Polônia, em sete dias foi arrasada a pequenina Holanda; e foi assim que foi contornada a Linha Marginot, e, entrando na Bélgica, os alemães foram até a França.

Mas restam alguns mistérios da guerra. Por que Hitler não fechou o cerco de Dunquerque? Por que Hitler atrasou a invasão da Rússia e pegou o inverno russo? Por que Rudolf Hess, solitariamente, voou até à Inglaterra? São alguns episódios que, a título ilustrativo, eu me atrevo a dizer, pelo que ouço de historiadores. O ditador da Alemanha tinha a experiência, entre outras, as de Napoleão, de que não se deveria nunca combater em duas frentes. Baseado nisso, uma vez que estava praticamente invadindo a Rússia, ele tentava desesperadamente uma paz com a Inglaterra, para certamente combatê-la depois.

E dizem que o solitário vôo de Rudolf Hess até à Inglaterra, quando ele caiu na propriedade do Conde de Hamilton, teve o sentido de querer ser recebido como estadista, negociar com Winston Churchill e propor a paz em separado. Mas não previa ele que não houve nada dessas honrarias e foi trancafiado numa cadeia, onde faleceu, há pouco, em Spandau.

Por que não fechar o cerco de Dunquerque, uma vez que ele estava praticamente cerrado? Dizem os estudiosos que foi mais uma tentativa de paz em separado com a Inglaterra, de onde foram evacuados 370 mil soldados, principalmente, ingleses. E o porquê do atraso na invasão da Rússia, que pegou em cheio o inverno e liquidou com as suas tropas?

Quando Hitler invadia um país, – e o fez com relação à Áustria e à Polônia – depois de invadir, ele comunicava ao seu fiel aliado Mussolini, após o fato consumado, e Mussolini num ímpeto de raiva, resolveu imitar o seu aliado até por uma questão de vingança e fez o mesmo com relação à Grécia, só que não esperava a resistência desse país, onde foi fragorosamente derrotado. E as divisões alemães, que estavam na costa para invadir a Rússia, tiveram que ser deslocadas para socorrer o aliado Mussolini.

Esse atraso de um mês na invasão da Rússia, talvez, tenha mudado o curso da guerra e o curso da história. Aliás, qualquer desses três fatos, se fossem aceitos de forma diferente, se tivesse havido o fechamento do cerco de Dunquerque, se tivesse sido negociada a paz em separado, quem sabe os rumos seriam outros, embora do líder da guerra nada pudesse se esperar senão os seus planos diabólicos.

Cito esses fatos apenas para que se tenha idéia das coisas que aconteciam. A Guerra de 1914 e 1918 foi estática, foi uma guerra de trincheiras. A guerra de 1939 e 1945 foi uma guerra profundamente dinâmica. Foi quando se começou o desenvolvimento da alta tecnologia aplicada na guerra. Surgiu o avião a jato, a bomba atômica e o radar, que foi aperfeiçoado. E, graças a ele, a Força Aérea da Grã-Bretanha, a Real Força Aérea, conseguiu enfrentar e derrotar, surpreendentemente para o mundo, as forças aéreas alemãs.

Dentro desse enfoque, transcorreu a guerra. Tratados e acordos eram coisas jogadas nas gavetas. Não havia, por parte do Eixo, respeito a qualquer princípio ético. Mesmo na guerra – que é extremamente antiética – existem os princípios éticos. Um país só invade outro depois de declarada formalmente a guerra com antecedência.

No dia 6 de agosto, foi lançada a bomba atômica sobre Hiroshima, e, no dia 9 de agosto, foi lançada a bomba atômica sobre Nagasaki. Então, 14 de agosto é realmente a data em que se encerrou a Segunda Guerra Mundial.

Pois bem, desde o dia 14 de agosto até hoje, apesar do sacrifício, do holocausto e de todas as coisas terríveis e atrozes que aconteceram nessa guerra, o mundo não recolheu a lição. E não existiu um só dia no mundo inteiro, desde essa data, em que o nosso planeta tenha conhecido a paz. Não houve um dia de paz até hoje, Sr. Presidente, Sr.s e Sr. Deputados, Srs. Convidados. Houve a Guerra da Coreia. Houve a Guerra do Vietnã. Guerras esparsas dia-a-dia estão eclodindo, dentro de países ou entre países. Mas não houve um só dia de paz, desde o dia 14 de agosto de 1945.

Essa é a reflexão que temos de fazer, nós que tivemos a sorte de vermos as nossas forças, as Forças Aliadas, venceram o totalitarismo que grassava na Europa e que ameaçava tomar conta do mundo. Nós que vivemos num País com uma sociedade democrática, devemos valorizar esses acontecimentos, que hão de servir para que deles tiremos lições.

E esperamos que a ONU, que é o organismo que congrega praticamente todos os países do mundo – hoje são 184 os associados na ONU – continue desenvolvendo seu papel, o papel que a Liga das Nações não soube desenvolver, porque o país que propôs a sua criação foi o primeiro a se levantar da mesa de reunião: os Estados Unidos. Que a ONU, que tem esse papel de manter a paz no mundo, cada vez mais envie seus esforços, para que não mais ocorra esse tipo de catástrofe, de desentendimento, de desarmonia, de luta, de agressão entre os seres humanos, nos mais variados locais e razões mais plurais que possam existir.

Eu poderia ler o meu discurso, mas vou me limitar a estas digressões. Faço uma homenagem aos brasileiros que foram à Itália. Não teria sentido nenhum fazermos a comemoração do término da Segunda Guerra Mundial, se nos esquecêssemos dos nossos irmãos – parece-me que foram até o palco de guerra em torno de 25 mil e 500 deles não voltaram, sacrificaram sua vida para hoje termos liberdade, democracia, enfim, a nova sociedade construída no pós-guerra.

Sr. Presidente, não poderíamos deixar de prestar homenagem aos brasileiros que integraram nossa Força Expedicionária na Segunda Guerra, sob o comando do Marechal Mascarenhas de Moraes. Em memoráveis combates nos campos da Itália, as tropas brasileiras enfrentaram o nazi-fascismo, muitos deixando seu sangue no solo da democracia que o mundo veria ser edificada pela vitória dos aliados.

"Os que participaram direta e indiretamente, no teatro de operações, merecem nossa reverência e o reconhecimento nacional aos seus feitos e ao sacrifício que fizeram pela grandeza de nossa Pátria. Amparar as suas famílias, proporcionando-lhes recursos materiais e pecuniários condignos, é o mínimo que o Estado deve fazer pelos seus heróis, muitos dos quais vivem hoje em verdadeira situação de penúria."

Sr. Presidente, fora esses irmãos brasileiros, se eu tivesse que apontar uma liderança em que fixasse a minha homenagem em relação à Segunda Guerra Mundial não teria a menor dúvida em singularizá-la na figura extraordinária de um inglês, gordinho, baixinho, fumando charuto, Winston Churchill, para mim, o símbolo da resistência, da tenacidade. Com seus discursos inflamados concitava o povo inglês a não se render quando estava sombreado a cidade de Londres aquele enxame de aviões Stukas, e, sob o bombardeio da artilharia do Canal da Mancha, ele, heroicamente, soube comandar o seu País. Quando faltava energia e se solicitava



ao povo inglês o sacrifício para poupar, a fim de investir na guerra, o primeiro a desligar a sua calefação, para dar exemplo ao povo inglês, foi Winston Churchill, para que pudesse ter moral e exigir o sacrifício dos seus compatriotas. É dele a frase: "Nunca tantos deveram tanto a tão poucos", quando se referia à Real Força Área, que, realmente, foi o símbolo da resistência e fator decisivo para que, quem sabe, possamos hoje estar aqui, neste clima de liberdade, fazendo essas evocações e prestando essas homenagens.

Não poderia deixar de citar outras figuras eminentes: o Presidente Roosevelt; depois, o Presidente Truman, que o seguiu; Charles De Gaulle, que saiu da França porque não aceitou a rendição do General Pétain que ele considerava traiçoeira. Foi à Inglaterra comandar a resistência e, no dia 26 de agosto, triunfalmente, entra no Champs Élysées, a pé – apesar dos livre-atiradores alemães – e foi rezar, agradecer a Deus, na Catedral de Notre Dame. Quem conhece Paris sabe do percurso que fez e do risco que correu porque ainda havia a presença de alemães na Cidade de Paris.

Sr. Presidente, Srs. Deputados e demais convidados, peço-me se interpretei os fatos de forma errada, mas assim aprendi, pelo muito que li sobre a história da Segunda Guerra Mundial. Talvez, por encontrar-me, à época, na fase em que as coisas nos atingem mais, que é a infância, de tal maneira tenha se impregnado disso na minha mente e desse fato não tenha conseguido libertar-me.

Estou sempre lendo e tenho dito que muitas coisas perdi de fazer na minha vida pelas horas de leitura que dediquei a esse episódio de triste memória para nós, que foi a Segunda Guerra Mundial. Os seus fatos, os seus mistérios, suas traições, seus gestos heróicos, enfim, tudo isso levou-me a ler porque não consigo entender que um ser humano possa conduzir um povo inteiro a uma aventura e a uma tragédia dessa natureza.

Muito obrigado.

(Aplausos.)

**O SR. PRESIDENTE** (Wilson Campos) – Concedo a palavra ao Exmº Sr. Deputado Francisco Rodrigues, que falará pelo Bloco Parlamentar (PL/PSC/PSD).

**O SR. FRANCISCO RODRIGUES** (Bloco/PSD – RR. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Srs. Deputados, Senhoras e Senhores convidados, comemora-se hoje os cinquenta anos de encerramento de um período negro da História. Em nome do Bloco PL/PSC/PSD, presto minha homenagem aos heróis brasileiros que, no teatro da guerra, souberam honrar com bravura nossa Pátria. Alguns deles se encontram presentes nesta sessão e são testemunhas da História.

Venho a esta tribuna prestar a minha homenagem à comemoração do cinquentenário do fim da Segunda Guerra Mundial, data marcante na historiografia da civilização humana.

Há cinquenta anos, o mundo se livrava do terror e da ameaça do nazi-facismo. O conflito, resultante do delírio hitleriano, da ambição maquiavélica de Mussolini e das tentativas expansionistas japonesas, causou a morte de milhões de pessoas em todo o planeta.

**O SR. PRESIDENTE** (Wilson Campos) – Esta Presidência pede desculpas aos presentes e ao orador que está na tribuna, pois se vê forçada a suspender a sessão por alguns minutos, até que se restabeleça a iluminação.

Peço desculpas e, dentro de pouco tempo, esperamos reiniciar a sessão.

(É suspensa a sessão.)

**O SR. PRESIDENTE** (Wilson Campos) – A Presidência resolve, mesmo sem a complementação total da iluminação, reiniciar os trabalhos, porque sabemos que todos os presentes têm

compromisso.

Portanto, volto a palavra ao Deputado Francisco Rodrigues para continuar a sua saudação em nome do Bloco.

**O SR. FRANCISCO RODRIGUES** – Sr. Presidente, continuando nosso pronunciamento, gostaríamos de dizer que a cena internacional, naqueles terríveis anos, caracterizou-se, principalmente, pelo desrespeito à vida humana.

Os homens não pareciam ter aprendido a lição do passado. Alguns anos após o fim do primeiro grande conflito mundial, a imagem da insensatez e do desapego aos princípios da paz e harmonia entre os homens se repetiria, ainda com maior intensidade e veemência.

Os resquícios das tendências imperialistas do século XVIII, em conjunto com os ressentimentos produzidos pela redivisão geográfica européia do pós-Grande Guerra, fundamentaram os ali-cerces do novo conflito que para muitos seria inevitável. A loucura dos homens, mais uma vez, resultou na guerra e na discórdia.

Foram anos de expectativa e temor. A intenciona do Eixo parecia imbatível. Os grandes países da Europa capitulavam diante dos exércitos alemães. Na Ásia, os japoneses seguiam o seu firme projeto expansionista. Na Itália, Mussolini, acreditando ser o próprio Príncipe de Maquiavel, utilizava-se do terror e da força para aniquilar as resistências domésticas e subjugar o inimigo externo.

A entrada em cena dos Estados Unidos e de outros países, formando o grande contingente aliado no esforço conjunto contra as forças do Eixo, alterou os rumos da guerra e da história. O Brasil, representado pela sua Força Expedicionária, teve fundamental importância no desenrolar do grande conflito.

No contexto da Europa tomada pelas forças do Eixo, a participação brasileira foi imprescindível. Na grande ofensiva final, os bravos soldados da Força Expedicionária foram exemplos da mais nobre determinação na defesa intransigente da liberdade e da paz que os inimigos insistiam em desprezar. Os feitos dos pracinhas, como a célebre tomada de Monte Castelo, provaram ao mundo que a Nação brasileira aliava-se não apenas a um grupo de países contra um inimigo comum, mas lutava pelo respeito às leis internacionais e ao princípio da autodeterminação dos povos.

Sr. Presidente, Sr\*s. e Srs. Deputados, Srs. convidados, a vitória dos aliados, com a importante contribuição brasileira, produziu um novo ambiente internacional, no qual reforçaram-se as bases da convivência pacífica e harmônica entre os diversos povos da terra.

Ainda que não tenhamos obtido a paz duradoura e estável de que tanto necessitamos, muito se avançou no trato as questões internacionais. A criação da Organização das Nações Unidas é o produto que melhor representa este avanço.

O Brasil, como o tem feito desde os primórdios de sua sempre presente atuação na cena internacional, norteia-se pelos princípios da paz, pelo respeito às leis e pela defesa da autodeterminação dos povos. E dessa forma pautou a sua participação naquela guerra, lutando bravamente contra o inimigo, com cujos exércitos não tinha rivalidades históricas, mas apenas defendia os preceitos com os quais se identificava.

Sr\*s e Srs. Deputados cabe refletirmos acerca de tão importante conquista, que não representou apenas o êxito dos exércitos aliados, mas o de toda a humanidade, na evidente demonstração de que os propósitos de paz e harmonia entre os homens não de vingar, ainda que ao custo de muita luta e sangue. Aos pracinhas, a quem reverenciamos na presença de muitos aqui, ressalta-se o esforço incomensurável e a bravura desses homens que de maneira impecável representaram o País em momento particularmente conturbado no cenário mundial.

Observe-se a história, afirmava Montesquieu, senão come-

teremos os mesmos erros de outrora.

A lição é atual, e muito nos serve. Devemos afastar e repudiar todas as formas malignas de ingerência nas atividades humanas que não se caracterizem pela defesa intransigente da paz e pelo respeito à vida humana.

**O SR. PRESIDENTE** (Wilson Campos) – Concedo a palavra ao Sr. Sérgio Miranda, pelo PCdoB.

*DISCURSO DO SR. SÉRGIO MIRANDA QUE, ENTREGUE À REVISÃO DO ORADOR, SERÁ POSTERIORMENTE PUBLICADO.*

**O SR. PRESIDENTE** (Wilson Campos) – Concedo a palavra ao Exmº Sr. Deputado Jair Bolsonaro, pelo PPR.

**O SR. JAIR BOLSONARO** (PPR – RJ. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, companheiros da Câmara dos Deputados, companheiros mais antigos, demais autoridades e convidados, há poucos minutos estava na Liderança do meu Partido e falei que viria, com muita honra, a esta solenidade. Foi quando o Deputado Ibrahim Abi-Ackel me disse: Faz muito bem, na política tudo se perdoa, menos a ausência. Espero, se porventura cometer algum equívoco, ser perdoado pelos senhores. Porque no passado, não há dúvida, já cometi equívocos, os senhores bem sabem, na pouca história que tenho. Mas tudo é por um Brasil melhor e, podem ter certeza, por Forças Armadas melhores para o nosso País.

É muito fácil criticar a história, difícil é escrevê-la. Os senhores, com suor, com lágrimas e com sangue, escreveram páginas memoráveis da nossa história. E nós, no Parlamento, que usamos como arma uma caneta, que história estamos escrevendo para o futuro do nosso País e – por que não dizer – por um reconhecimento àqueles que escreveram a nossa história no passado?

Serei um pouco diferente dos que me antecederam, principalmente porque não tenho o dom da palavra. Até costume brincar dizendo que, se dependesse de discurso, sequer seria síndico do meu prédio, no Rio de Janeiro. Mas tenho certeza de que com meus breves pronunciamentos, às vezes um pouco exaltados – motivo por que sou repreendido pelo Presidente – tenho deixado meu recado nesta Casa, sempre pensando em um Brasil melhor.

No momento falarei rapidamente sobre matéria que ora tramita nesta Casa, porque desejo que os senhores, quando um dia nos deixarem – naturalmente nos vão deixar, como eu também deixarei este mundo – o façam com dignidade, com a cabeça erguida.

Todos sabemos – infelizmente alguns poucos ainda não sabem – que a única instituição capaz de garantir a autoridade de um Presidente da República em momentos críticos são as Forças Armadas, como ocorreu há pouco, quando nossos companheiros mais jovens estiveram nas refinarias. Não foi por decisão deles, mas do Sr. Presidente da República. Lamentavelmente, porém, nossas Forças Armadas vêm sendo constantemente esquecidas e deixadas para segundo ou terceiro plano pelo Senhor Presidente da República.

Há poucas semanas, Henry Kissinger disse que os Estados Unidos não são uma potência econômica, mas sim uma potência bélica. E, hoje em dia, o que temos de belicoso nesta Pátria? O que temos de Forças Armadas no Brasil? Se compararmos com a década de 40, não somos absolutamente nada.

Mas, logicamente, quando se desmoralizam as Forças Armadas, quando se desmotivam os seus componentes, todos neste País perdem, não apenas os homens que servem à Pátria durante o seu tempo de serviço militar.

Assim sendo, o que nós, Parlamentares, podemos fazer para que nossas Forças Armadas tenham um mínimo de capacidade para reagir a um conflito interno? Ou para, em um momento crítico,

co, decretando-se o estado de defesa ou o estado de sítio, acalmar imprevisto ocorrido em algum local deste País?

No meu entender, não podemos, desmotivar o homem. Porém, hoje em dia, lementavelmente, o nosso homem está cada vez mais desmotivado dentro da Forças Armadas.

Até vejo com muita apreensão, quando leio o *Noticiário do Exército*, ou o *Diário Oficial da União*, quase que diariamente, o número enorme de militares que têm procurado o caminho da reserva, pensando que, dessa maneira, fugirão da Previdência Social, conforme a proposta encaminhada pelo Senhor Presidente da República, Chefe Supremo das Forças Armadas.

A proposta de modificação da Previdência que está tramitando nesta Casa não perdoa ninguém, seja da ativa o da reserva, porque, dentre outras coisas, desvinculada o salário do militar da reserva do salário do militar da ativa. Eu indago: se os direitos adquiridos não vão ser atingidos, por que desvincular?

Entre outras coisas, a proposta acaba com o artifício da pensão integral para as nossas viúvas; cita uma nova ordem para concessão da pensão militar. V. S's sabem muito bem do que estou falando. Inclusive, quero dizer que recebi carta de um coronel há alguns dias, o qual ameaçou não votar mais em mim, bem como dezenas de outros seguidores seus, caso eu venha votar contra as propostas de reforma ora encaminhadas pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso a esta Casa. Antes de responder-lhe, pedi que ele também me dissesse se eu deveria votar em bloco, já que ele assim o quer, a reforma da Previdência.

Hoje em dia, todos os senhores sabem da angústia em que vive o ex-combatente pensionado, no tocante à pensão, logicamente. Não tiveram qualquer reajuste em setembro do ano passado, quando tivemos 11%; não tiveram qualquer reajuste em dezembro do ano passado, quando tivemos 22%; não tiveram qualquer atualização das suas pensões, quando ganhamos, no Supremo Tribunal Federal, a pensão integral.

Não esqueçam de uma coisa, meus companheiros de carreira da reserva e da ativa, o ex-combatente pensionado de hoje é o militar da reserva e da ativa de amanhã.

Sr. Presidente, o que posso fazer – tenho certeza que muitos dos meus companheiros também farão nesta Casa, como reconhecimento ao passado de glória que esses senhores nos legaram, e à democracia em que hoje em dia vivemos – é apenas uma coisa: não deixar que se perca nada de justo conquistado a duras penas no passado. Só assim poderemos contribuir para que pelo menos os senhores tenham um final de carreira com dignidade neste País.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente. (Palmas prolongadas.)

**O SR. PRESIDENTE** (Wilson Campos) – A Presidência neste instante presta homenagem a todos os componentes da Força Expedicionária Brasileira, aos militares aqui presentes e àqueles que aqui não puderam vir, representados pelo General Darcy Lazzaro, que se encontra ao meu lado, Presidente de Honra dos Veteranos da FEB, ex-combatentes.

Portanto, é uma honra para a Câmara dos Deputados prestar esta homenagem aos expedicionários que tão bem e com muita honra defenderam a dignidade do ser humano e principalmente do Brasil.

Minhas Senhoras e meus Senhores, a comemoração do final das operações bélicas da Segunda Guerra Mundial no teatro europeu não é vazia de significado. Pelo contrário, reveste-se de magna significação, pois lembrar aquele conflito é mecanismo de evitar a ocorrência de fatos semelhantes.

Gerada por causas basicamente econômicas – como disse o nobre Deputado Adylson Motta – que remontavam à própria Primeira Grande Guerra, o grande conflito que se iniciou em 1939

mostrou-se ainda mais sangrento e bárbaro, com o sacrifício de milhões de vidas humanas, o esboroamento da economia de vários países, a superveniência de uma nova ordem internacional bipolarizada entre o Leste e o Oeste, os países livres, do lado ocidental da Europa, e as ditaduras de direita ou de esquerda, na parte oriental.

Se, por um lado, o esforço de guerra uniu povos cujo interesse foi catalisado por seus líderes, por outro chegou a consequências desastrosas, em que a perda de vidas humanas e a destruição econômica são as faces mais sombrias.

Entretanto, o emprego de ideologias exóticas, urdidas para que em seu nome fosse o mundo expurgado daquelas que eram consideradas as "sub-raças", mostra a extensão da barbárie a que pode chegar o ser humano, o qual, em nome de sua ânsia de poder e de usurpação, se despe de toda a compaixão e senso de dignidade, inflingindo a seus inimigos as mais torpes humilhações, torturas e crueldades e expondo ao mundo sua própria e deformada natureza.

A Força Expedicionária, nossa Marinha de Guerra e o 1º Grupo de Caça da Força Aérea Brasileira representaram nossos ideais de liberdade junto aos países aliados. Muitos brasileiros perderam a vida naqueles anos de tristezas e a eles devemos render todas as homenagens. Esses heróis deixaram seu sangue nos campos da Europa, nos céus do Velho Continente e nas águas do Atlântico. Ali semearam a convicção da liberdade e da igualdade, plantando uma sara que passou por períodos de entressafra, mas que brotou novamente, floresceu e deu frutos no regime de liberdade de que hoje desfrutamos.

A participação no combate ao nazi-fascismo, enaltecida pelos oradores que nos antecederam, é exemplo de amor aos conceitos libertários e à democracia, os valores mais caros aos cidadãos de nossos Países paradigma de respeito à pessoa humana, respeito, enfim, ao homem enquanto homem, não importando sua crença, sua raça, sua origem. Ajudamos a derrotar a ambição totalitária do Eixo e, com isso, escrevemos uma das mais ricas páginas de nossa história, iluminada lição de bravura para ser contada aos mais novos e que continuará a fazer parte de um passado de glórias, orientador do futuro.

A publicidade dos métodos nazi-fascistas encheu de vergonha o mundo; a responsabilidade daqueles pecados passou além daqueles que os cometaram, maculou o gênero humano como um todo.

A vergonha daí decorrente teve apenas um aspecto positivo: servir de motivo condutor a uma maior capacidade de resistência por parte dos espoliados, explorados, subjugados pelo totalitarismo. Mesmo, assim, infelizmente assiste a uma infinidade de conflitos armados, a sua grande maioria decorrente de motivação étnica, geográfica, ou econômica.

As chamadas Forças de Paz, pesadamente armadas, não têm conseguido dar um fim à beligerância; as ações da Organização das Nações Unidas têm sido inócuas; suas resoluções, desrespeitadas, como se o mundo não mais se lembrasse da extensão dos horrores da guerra.

Recordamos o fim da Segunda Guerra Mundial no teatro europeu de operações; é uma homenagem aos que tombaram, uma ode aos que defenderam a liberdade, um louvor aos chefes militares que conseguiram a vitória contra as forças totalitárias e é, acima de tudo, uma advertência ao mundo de hoje.

Portanto, minhas senhoras e meus senhores, militares aqui presentes, é nosso dever exaltar e lembrar aos nossos filhos e netos a bravura com que se comportaram nossos companheiros que participaram da Segunda Guerra Mundial e a certeza de que os que aqui vieram têm dentro de si a lembrança do dever cumprido.

A Pátria espera que um dia a paz seja permanente, seja uma instituição de direito e de liberdade, para que não continuemos assistindo a essa desgraça que impera no mundo, que é a falta de respeito ao ser humano.

Portanto, em nome dos que compõem a Câmara dos Deputados, quero deixar patente a nossa homenagem, no dia de hoje, àqueles que estão aqui, representando o Brasil de ontem, de hoje e de amanhã, que são os gloriosos componentes das Forças Armadas do Brasil! (Palmas.)

*O Sr. Wilson Campos, 1º Secretário, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Luís Eduardo, Presidente.*

**O SR. PRESIDENTE** (Luís Eduardo) – A Presidência agradece aos membros do Corpo Diplomático, aos Srs. Militares, às autoridades civis e, sobretudo, aos Expedicionários brasileiros a presença nesta sessão solene para homenagear o cinquentenário do término da Segunda Guerra Mundial.

Antes de encerrar a presente sessão, gostaria de permitir que os Srs. Expedicionários cantem o seu hino.

*É CANTADO O SEGUINTE HINO PELOS EXPEDICIONÁRIOS:*

#### CANÇÃO DO EXPEDICIONÁRIO

*Letra de Guilherme de Almeida*

*Música de Spartaco Rossi*

I

Você sabe de onde eu venho?  
Venho do morro, do engenho,  
Das selvas, dos cafezais,  
Da boa terra do coco,  
Da choupana onde um é pouco  
Dois é bom três é demais,  
Venho das praias sedosas  
Das montanhas alterosas,  
Do pampa, do seringal,  
Das margens crespas dos rios,  
Dos verdes mares bravios  
Da minha terra natal.

(Estrilho)

Por mais terra que eu percorra,  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que leve por divisa  
Esse "V" que simboliza  
A Vitória que virá:  
Nossa vitória final,  
Que é a mira do meu fuzil,  
A ração do meu bernal,  
A água do meu cantil,  
As asas do meu ideal,  
A glória do meu Brasil.

II

Eu venho da minha terra,  
Da casa branca da serra,  
E do luar do meu sertão;  
Venho da minha Maria  
Cujo nome principia  
Na palma da minha mão,  
Braços mornos de Moema,  
Lábios de mel de Iracema

Estendidos pr'a mim.  
Ó minha terra querida  
Da Senhora Aparecida  
E do Senhor do Bonfim!

(Estrilho)

Por mais terra... etc.

## III

Você sabe de onde eu venho?  
É de uma pátria que eu tenho  
No bojo do meu violão;  
Que de viver no meu peito  
Foi até tomando jeito  
De um enorme coração.  
Deixei lá atrás meu terreiro  
Meu limão, meu limoeiro,  
Meu pé de jacarandá.  
Minha casa pequenina  
Lá no alto da colina,  
Onde canta do sabiá. (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE** (Luís Eduardo) – Antes de encerrar a presente sessão, a Presidência chama a atenção do Plenário e da Casa para o seguinte comunicado.

Conforme prevê o art. 73, §§ 1º e 2º, inciso II, da Constituição Federal, cabe ao Congresso Nacional a escolha de dois terços dos Ministros do Tribunal de Contas da União.

O Decreto Legislativo nº 6, de 1993, que regulamenta a escolha de Ministros do Tribunal de Contas da União pelo Congresso Nacional dispõe, em seu art. 2º, que as vagas abertas do Tribunal serão preenchidas mediante iniciativa, alternadamente, da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal e da Comissão de Finanças e Tributação da Câmara dos Deputados.

O **Diário Oficial** da União que circula hoje dá notícia, em sua seção 2, página 4.110, da concessão, pelo Sr. Presidente da

República, de aposentadoria à Drª Élvia Lordello Castello Branco, Ministra daquele Tribunal.

Para a vaga, compete à Câmara dos Deputados a escolha do novo Ministro, pelo regime de alternância.

**O SR. PRESIDENTE** (Luís Eduardo) – Há sobre a mesa o seguinte requerimento:

"Sr. Presidente, nos termos no § 1º do art. 2º do Decreto Legislativo nº 6, de 1993, indicamos a V. Exª o nome do Deputado Humberto Souto para preenchimento da vaga de Ministro, aberta no Tribunal de Contas da União.

Assinam:

**Inocêncio Oliveira**, Líder do PFL.  
**Nelson Trad**, Líder do PTB.  
**Valdemar Costa Neto**, Líder do PL.  
**Odelmo Leão**, Líder do PP.  
**Fernando Lyra**, Líder do PSB.  
**José Aníbal**, Líder do PSDB.  
**Miro Teixeira**, Líder do PDT.  
**Aldo Rebelo**, Líder do PCdoB.  
**Michel Temer**, Líder do PMDB.  
**Francisco Dornelles**, Líder do PPR.  
**Marquinho Chedid**, Líder do PSD."

**O SR. PRESIDENTE** (Luís Eduardo) – Conforme prevê o Decreto Legislativo nº 6, a matéria vai à Comissão de Finanças e Tributação.

## ENCERRAMENTO

**O SR. PRESIDENTE** (Luís Eduardo) – Nada mais havendo a tratar, vou encerrar a sessão, antes lembrando ao Plenário que haverá sessão ordinária da Câmara dos Deputados, logo mais, às 14 horas.

Está encerrada a sessão.

(Encerra-se a sessão às 12 horas e 58 minutos.)

## Ata da 79ª Sessão, em 6 de junho de 1995

Presidência dos Srs.: **Luís Eduardo**, Presidente; **Ronaldo Perim**, 1º Vice-Presidente;  
**Beto Mansur**, 2º Vice-Presidente.

## ÀS 14 HORAS COMPARECERAM OS SENHORES:

Luís Eduardo  
Ronaldo Perim  
Beto Mansur  
Wilson Campos  
Leopoldo Bessone  
João Henrique  
Wilson Braga

## Roraima

Alceste Almeida – Bloco – PTB; Francisco Rodrigues – Bloco – PSD; Luciano Castro – PPR; Luis Barbosa – Bloco – PTB; Moisés Lipnik – Bloco – PTB; Robério Araújo – PSDB; Salomão Cruz – Bloco – PFL.

## Amapá

Antonio Feijão – PSDB; Eraldo Trindade – PPR; Fátima

Pelaes – Bloco – PFL; Gervásio Oliveira – Bloco – PSB; Murilo Pinheiro – Bloco – PFL; Raquel Capiberibe – Bloco – PSB; Sérgio Barcellos – Bloco – PFL; Valdenor Guedes – PP.

## Pará

Ana Júlia – PT; Anivaldo Vale – PPR; Antônio Brasil – PMDB; Benedito Guimarães – PPR; Elcione Barbalho – PMDB; Gerson Peres – PPR; Giovanni Queiroz – PDT; Hilário Coimbra – Bloco – PTB; José Priante – PMDB; Nicias Ribeiro – PMDB; Olávio Rocha – PMDB; Paulo Rocha – PT; Paulo Titan – PMDB; Raimundo Santos – PPR; Socorro Gomes – PCdoB; Ubaldo Corrêa – PMDB; Vic Pires Franco – Bloco – PFL.

## Amazonas

Arthur Virgílio Neto – PSDB; Átila Lins – Bloco – PFL; Carlos da Carbrás – Bloco – PFL; Euler Ribeiro – PMDB; João Thomé Mestrinho – PMDB; Luiz Fernando – PMDB; Pauderney Avelino – PPR.